

7 factos sobre os cagarros – por Joël Bried

- 1- O cagarro *Calonectris diomedea* pertence a Ordem dos Procellariiformes (grupo de aves marinhas constituído pelos albatrozes, as pardelas e os paínhos). Esta espécie é constituída por duas subespécies. A subespécie *C. d. borealis*, também conhecida como raça atlântica, nidifica nas ilhas da Macaronésia (Açores, Madeira, Canárias) enquanto a subespécie *C. d. diomedea* nidifica no Mediterrâneo. Os cagarros começam a reproduzir-se, em média, com 8 ou 9 anos de idade. O tamanho da postura é de um único ovo, sem possibilidade de efectuar postura de substituição no caso de fracasso durante a incubação ou o período de alimentação da cria.
- 2- A população açoriana de cagarros representa cerca de 65% da população mundial da espécie e de 75% da população da subespécie *Calonectris diomedea borealis*.
- 3- Entre o final de Outubro e o início de Novembro, os cagarros juvenis saem do ninho para efectuar a sua primeira migração, a qual os levará para o hemisfério Sul, ao largo do Brasil e da África do Sul. Aqueles que sobrevivem à migração ficam entre 5 e 6 anos no mar antes de regressar à colónia de nascimento. Contudo, vão demorar, em média, mais 2 ou 3 anos antes de nidificar pela primeira vez.
- 4- Todas as populações de cagarros enfrentam várias ameaças nas suas localidades de nidificação, como por exemplo a predação por mamíferos introduzidos, ou a destruição de habitat de nidificação. No arquipélago, os mamíferos introduzidos (ratazanas, furões, cães e gatos assilvestrados) e a caça furtiva têm um impacto nas colónias. Contudo, os cagarros têm ainda que lidar com outras fontes de perigo. Uma vez que chegam a terra, podem não ser visíveis para os condutores de veículos e ser atropelados quando aterram nas estradas.
- 5- Quando saem dos ninhos, os juvenis ainda não dominam o voo perfeitamente, e ficam desorientados pelas luzes artificiais uma vez que devido à sua inexperiência não distinguem as luzes urbanas das estrelas (que talvez utilizem para se orientar) ou de uma fonte de comida (peixes bioluminescentes). Portanto, um juvenil encandeado aterra em qualquer sítio, onde poderá permanecer sem tentar descolar, correndo perigo de vida, vulneráveis aos veículos e aos cães.
- 6- Noutras localidades, a mortalidade urbana potencial pode abranger até 30% das pardelas juvenis. Embora ainda não se conheça a importância desta mortalidade para os cagarros juvenis nos Açores (um estudo levado a cabo pelo DOP está actualmente em curso para tentar avaliá-la), é preciso ajudar as aves a efectuar a sua primeira partida para o mar.
- 7- Esta ajuda deve ser feita através da diminuição das fontes de luz artificiais (apagar os candeeiros, ou pelo menos, reduzir a quantidade de luz emitida, no máximo número de sítios possível, tais como os portos, os parques de combustíveis, etc...) e da recolha das aves desorientadas ao fim de as libertar na manhã seguinte durante a próxima Campanha SOS Cagarro que se avizinha.